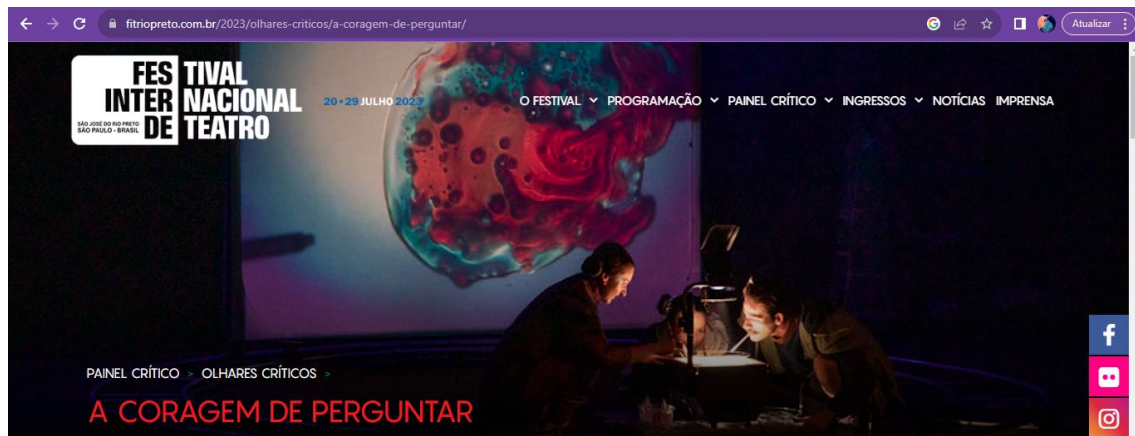


<https://fitriopreto.com.br/2023/olhares-criticos/a-coragem-de-perguntar/>



Entendendo que a crítica não é um decreto definidor sobre a obra, a Copivara Crítica busca, sempre que possível, propor duas visões sobre o mesmo espetáculo. Abaixo você pode conferir dois pontos de vista a partir do espetáculo "Do que são feitas as estrelas?".

| E SE GALILEU TIVESSE UMA IRMÃ? |

se tornar Cecilia Gaposchkin.

Se, de início, achávamos que a peça seria sobre uma menina ficcional, nos damos conta de que estamos diante de um teatro documental, que revela as pressões sofridas por mulheres cientistas. A primeira missão a ser realizada é a escola, com suas colegas que julgam e duvidam da capacidade de uma menina ser tão inteligente, buscando podar a vontade científica da garota. Tudo isso representado por sombras retro-projetadas, nas quais vemos cliques que aprisionam e tesouras afiadas que vociferam contra Ceci. Aparentemente identificadas como antagonistas da nossa heroína, a narradora nos faz repensar a posição dessas colegas quando questiona: "Cecilia vai continuar estudando, mas e as outras garotas?".

Acompanhamos a trajetória, agora com essa consciência de que Cecilia é uma entre várias, a única de uma escola de centenas de garotas que um dia irá se tornar professora de astrofísica de Harvard. De instituição em instituição, observamos as barreiras impostas às mulheres no mundo acadêmico, sejam elas o descrédito dos colegas até fisicamente ser impedida de pegar o diploma em Cambridge após quatro anos de estudo. Os professores surgem no espetáculo como figuras monstruosas, mecanizadas e imobilizadas pela burocracia, ao contrário da mãe e das outras pesquisadoras, que incentivam Cecilia porque sabem que quando uma mulher entra na universidade e enfrenta suas estruturas ela não está fazendo isso apenas por ela, mas, sim, por aquelas que ainda virão.

Se por um lado a peça nos faz perceber as permanências históricas da censura e opressão contra cientistas que produzem conhecimentos capazes de abalar as velhas estruturas, por outro, ela aponta para possibilidades de transformações, quando no futuro uma mãe conta para sua filha a história da Cecilia, e a menina afirma "quero ser cientista". Talvez o mesmo ocorra com as meninas do público ao saírem do espetáculo com suas mães — sempre as mães, porque raramente os pais estão presentes. Ambas, mãe e filha, podem sair pensando não só nas opressões que já passaram, mas também sonhando aquilo que elas são capazes de fazer.

Em uma operação simultânea de memória e imaginação, através de um arcabouço de procedimentos estilísticos vindos do teatro político
Por Danni Vianna

"Disse-lhes, no transcorrer deste ensaio, que Shakespeare teve uma irmã. Ela morreu jovem — ai de nós! Não escreveu uma só palavra. Está enterrada onde os ônibus param agora, em frente ao bar da esquina. Pois bem, minha crença é de que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e foi enterrada numa encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir."
Virginia Woolf, 1929, p. 137

O ano é 1633, ou seria 1926, ou ainda 2021?

Galileu Galilei está diante do Vaticano, torturado pela Inquisição e obrigado a abjurar das suas pesquisas, que comprovavam a rotação da Terra em torno do Sol, e não o contrário como a Igreja pregava.

Cecilia Payne-Gaposchkin está em uma sala empoeirada de Harvard, pressionada pelo seu próprio orientador a alterar os dados do seu doutorado, que comprovavam que o Sol é composto por hidrogênio e não pelos mesmos elementos que a Terra, como se acreditava.

Larissa Mies Bombardi, está no aeroporto, obrigada a se exilar do Brasil após ser perseguida e ameaçada de morte pelos empresários do agronegócio por conta de sua pesquisa, que comprovava a devastação social provocada pelo uso indiscriminado de agrotóxicos.

Em "Do que são feitas as estrelas?" essas temporalidades coabitam com a história de Ceci, "uma menina encafiada com o mundo dos porquês". Narrada por duas estrelas que discutem os rumos das personagens, a peça se estrutura a partir de saltos na trajetória da protagonista, em que a cada cena é uma missão a ser enfrentada. Assim, lançando mão de retroprojetores e plataformas deslizantes, acompanhamos as descobertas e as barreiras de uma criança que tem fome pelo conhecimento e que aos poucos deixa de ser Ceci para

documental, "Do que são feitas as estrelas?" mostra que tanto a identidade de gênero quanto os gêneros teatrais não podem ser sinônimos de barreiras para o exercício de nossa curiosidade científica e artística.

| DO QUE SÃO FEITAS AS ESTRELAS |

Por Bárbara Freitas

Uma peça sobre curiosidade e o direito das mulheres em se manterem questionando, "Do Que São Feitas as Estrelas?" conta a história da astrônoma e astrofísica Cecilia Payne-Gaposchkin desde a sua infância cheia de perguntas até conseguir se tornar uma renomada cientista de Harvard que descobriu do que são feitas as estrelas.

A obra conta com um tom leve e cômico e cada episódio está dividido em missões, as missões da vida de Ceci. O grupo faz uso de elementos estéticos estimulantes para uma plateia que pensa assistir a uma peça de divulgação científica, mas logo entende que é muito mais que isso. O que Luiza Meirelles Salles e Kiko Marques (concepção e direção) propõem é um teatro épico para público jovem, com tudo que temos direito: quebras, gestos, colocações políticas e explicitação da maquinaria teatral.

A nossa atenção é captada a todo momento, seja pela dramaturgia impressionante, ou pelos elementos estéticos usados em cena: um retróprojetor, um trilho circular, adereços de cena e instrumentos musicais. Nós ficamos, ao mesmo tempo, encantados com a história e com o fazer teatral dessa montagem.

Uma das cenas mais tocantes da peça é entre a personagem Ceci, ainda criança, e seu pai. Nela identificamos um amor e cumplicidade entre os dois e que ele sempre a incentivou a continuar questionando os porquês. Após essa cena, entendemos que seu pai faleceu e a mãe diz: "seu pai virou estrela, minha filha". Isso mostra uma complexidade no interesse de Ceci pelas nossas amigas brilhantes e nos faz refletir como esses pequenos eufemismo que escutamos quando crianças podem nos marcar para toda a vida.

A relação com a mãe de Ceci evidencia a importância do apoio das mulheres da nossa família para continuarmos avançando. Sua mãe, pelo menos na peça, sempre a impulsionou a continuar estudando para não ter um futuro como o dela. E isso não é um juízo de valor sobre uma mulher dona de casa, mas um retrato de mulheres as quais é dada apenas uma escolha: esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque. Proibidas de sonhar com o que é extraordinário, de seguir suas vocações e de explorar o mundo.

O que vemos em cena é um elenco em sintonia trabalhando para narrar uma história sobre uma guerra épica para garantir os direitos das mulheres cientistas. Engana-se quem acha que essa é uma luta do século XX. Ainda hoje, em 2023, não temos, no Brasil, uma diferença salarial de 22% entre homens e mulheres?

Ceci indignada com todas as situações sexistas que ela é obrigada a passar para conseguir se manter estudando, desde professores que não suportam seus questionamentos, até a retirada de seu diploma de Cambridge e, por fim, o assédio moral de seu orientador que a obriga a alterar os dados revolucionários de sua pesquisa para não ir contra o que ele afirmava como verdadeiro, ela grita: Qual a diferença entre eu e eles, a não ser pelo fato de que eu sou uma mulher?

Ao final do espetáculo vemos em projeção, através de ilustrações, uma criança negra escutando a história de Ceci contada por sua mãe e afirmando: "mãe, acho que quero ser cientista quando eu crescer". Escolher evidenciar, ao final da peça, que a história de Ceci é a história de uma mulher branca, e colocá-la em contraste com o começo da jornada de uma menina negra sonhadora nos lembra que o desafio é ainda maior quando pensamos nas mulheres negras acadêmicas. Segundo uma pesquisa de Viviane Angélica Silva, de 2008 a 2015, na USP (Universidade de São Paulo), eram apenas 7 mulheres pretas e pardas docentes aposentadas em meio a 1577 docentes homens brancos. O caminho a percorrer é grande e os números falam por si só. Em um país que prefere que suas mulheres se mantenham na boca do fogão e que, principalmente, mulheres negras, nunca cheguem à universidade, torna-se preciso mais que sonhar, é preciso mantê-lo nos atormentando àqueles, eles, que tem medo do que uma mulher com diploma na mão pode fazer.

Referências:

SILVA, Viviane Angélica. **CORES DA TRADIÇÃO: Uma História do Debate Racial na Universidade de São Paulo (USP) e a Configuração Racial do seu Corpo Docente**. 2015. 305 f. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLHAR CRÍTICO DE



DANNI VIANNA E BÁRBARA FREITAS (CAPIVARA CRÍTICA)

OBRA



DO QUE SÃO FEITAS AS ESTRELAS?

Luiza Moreira Salles e Kiko Marques

https://deusateucombr.wordpress.com/2023/07/25/do-que-sao-feitas-as-estrelas-especial-fit-sao-jose-do-rio-preto/?fbclid=PAAab1VGfWUcgbXqtV_Zj75b_aZeHLowPwA9uFK3sIvEI7MtJZNA-HFCbxA9Y_aem_ARUxqZXRbPlKRmZGur2E7xfBLoZSRHhXz6xeoebQKZhp0uMlsvgOtS5yLs9M7ldEQjA

← → × deusateucombr.wordpress.com/2023/07/25/do-que-sao-feitas-as-estrelas-especial-fit-sao-jose-do-rio-preto/?fbclid=PAAab1VGfWUcgbXqtV_Zj75b_aZeHLo... ☆ □ 🔔 Atualizar



Crítica Teatral Artes Teatro Psicanálise Cultura & Sociedade Cinema Contos Design Dança
Streaming Espaço para Artistas Música Galeria Digital Poesia
O Estranho Prêmio Deus Ateu de Teatro & Artes – 1ª Edição

DO QUE SÃO FEITAS AS ESTRELAS | ESPECIAL FIT – SÃO JOSE DO RIO PRETO |

Publicado em 25 de julho de 2023

Pesquisar

Pesquisar ...

Siga-nos

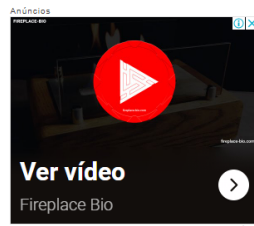


"O meu grande e mais surpreendente achado no FIT 2023".

Por Marcio Tito
@marciotito

Ao longo da encenação, como numa brincadeira tranquila e densa, a nítida e bem realizada unidade da encenação realiza com méritos sólidos cada uma das dimensões do

material. Todos os eixos e ângulos comungam a plenitude de uma obra total e sem recorrer ao excesso de expedientes musicais, pautando o espetáculo por sua boa dramaturgia, Do Que São Feitas As Estrelas surge enquanto uma das mais instigantes e equilibradas montagens da temporada – vai muito além de recortar-se ou destacar-se somente pela via do teatro infantil ou jovem e depõe uma cena ampla, porém, ainda assim, indispensável para todas as infâncias (embora as fricções implícitas, de certo, apareçam enquanto evidente e mais livre diversão para crianças à partir dos 9 ou 10 aninhos).



Com impressionante e narrativa cenotecnia, e tornando a peça uma constante entre

Seguir ...

linguagem subjetiva e direta, tudo se dá enquanto comunicação capaz de realizar um tão bem-vindo quanto eficiente trânsito entre linguagens. E cada um destes pontos, de modo orgânico, nos sugere uma das mais bem pautadas e inspiradas direções de Kiko Marques.

O figurino acresce poéticas e conduz o nosso olhar aos elegantes e sofisticados aspectos do espetáculo, sendo assim, finalmente alcançando os méritos do elenco, importa dizer que está justamente aqui a chave para uma leitura polivalente acerca de *Do Que São Feitas As Estrelas* – uma obra cujo sabor dos símbolos está potencializado e disperso ao longo de cada uma das camadas. Elenco, luz, visualidades e paisagem sonora em firme cotação fazem da encenação e do texto um organismo múltiplo e atento às suas próprias e melhores potências.

O meu grande e mais surpreendente achado no FIT 2023.

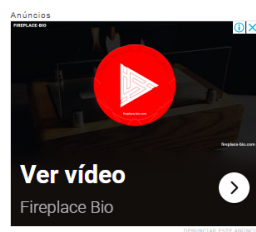


Destaque para a fina sintonia da dupla Luiza Salles e Diego Chilio, uma coesa e delicada harmonia entre ritmos e tons – *Do Que São Feitas As Estrelas*

 Seguir ***

Se voce curtii este texto ou se este material somara na carreira do seu espetáculo, contribua com a nossa viagem ao Rio de Janeiro! Em breve passaremos pela cidade maravilhosa e traremos na mala uma série especial de críticas e reflexões acerca da cena carioca

• \$ 30 \$ 40 • \$ 50 \$ 100 \$ 150 \$ 200
pix – pellegrini.trigo@hotmail.com



Ficha técnica

Concepção: Luiza Moreira Salles